

# DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA FORMAÇÃO INICIAL DO CURSO DE LETRAS DO IEAA<sup>1</sup>

Katiane Castro de Almeida <sup>2</sup>  
Laura Miranda de Castro<sup>3</sup>

## RESUMO

O trabalho com o título Dificuldades na Aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira na Formação Inicial do Curso de Letras do IEAA tem como objetivo identificar as possíveis dificuldades de aprendizagem em Língua Inglesa como Língua Estrangeira na formação dos discentes do Curso de Letras, e como específicos: verificar as estratégias utilizadas para superar as dificuldades encontradas na aprendizagem de Língua Inglesa e analisar a partir dos dados coletados se o fato de o curso de Letras ser uma Licenciatura Dupla configura-se como dificuldade para a aprendizagem satisfatória da Língua Inglesa. A fim de elucidar as questões levantadas abordou-se as seguintes discussões: algumas considerações sobre a história do ensino da Língua Inglesa no Brasil; a importância da Língua Inglesa (ensino e aprendizagem) para a educação pública no Brasil; a atual situação do ensino de Língua Inglesa no Brasil; O ensino da Língua Inglesa no IEAA e dificuldades encontradas por discentes de Letras. Nesse sentido, a metodologia da pesquisa foi de abordagem qualitativa, na qual utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário que foi aplicado aos participantes. Constatou-se que os alunos têm encontrado diversas dificuldades para o aprendizado da Língua Inglesa no Curso de Letras, dentre as quais, o fato de se tratar de uma licenciatura dupla o que exige maior atenção em cada uma das componentes curriculares apesar de se considerar que há bons professores e bons materiais para o ensino.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Dificuldades. Ensino. Língua Inglesa.

## ABSTRACT

The work titled Difficulties in the Learning of English as a Foreign Language in the Initial Formation in the Language Course of IEAA aims to identify the possible difficulties of learning in English as a Foreign Language in the training of students of the Language Course, and as specific: to verify the strategies used to overcome the difficulties found in learning English Language and to analyze from the data collected if the fact that the course of Literature is a Dual Degree configures itself as a difficulty for the satisfactory learning of the English Language. In order to elucidate the issues raised, the following discussions were discussed: some considerations about the history of English language teaching in Brazil; the importance of the English Language (teaching and learning) for public education in Brazil; the current situation of English language teaching in Brazil; The English Language teaching in IEAA and difficulties encountered by students of Letters. In this sense, the research methodology was a qualitative approach, in which a questionnaire was applied as a data collection instrument to the participants. It was verified that the students have found several difficulties for the learning of the English Language in the Course of Letters, among which, the fact that it is a double degree which requires more attention in each of the curricular components although it is considered that there are good teachers and good materials for teaching.

**Keywords:** Learning. Difficulties. Teaching. English language

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Final de Curso

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras da UFAM/IEAA.

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso e Professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM.

## 1. INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Inglesa tem passado por diversas discussões em relação a sua efetividade no ensino regular. Foram leis que hora a colocaram como obrigatória, hora como optativa, hora a cargo das secretarias e escolas. Ela tem tomando concepções diferentes também em relação ao seu ensino e aprendizagem, tudo isso tem contribuído num olhar de forma desprestigiada em relação a essa língua ou de valorização da mesma.

Apesar de seu ensino estar assegurado pelas leis, em sua prática ela ainda é vista como uma “disciplina qualquer”, sem muito valor. Muitos alunos e até mesmo os profissionais da educação não dão o devido valor para essa disciplina, isso tem acarretado nas dificuldades do aprendizado que os alunos têm no ensino básico.

A Universidade Federal do Amazonas - UFAM, residida na cidade de Humaitá – AM, oferece vários cursos de licenciatura, dentre eles o de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Muitos alunos que saem do ensino básico almejam cursar essa licenciatura. Porém, ao adentrarem e terem contato com as disciplinas, em destaque a de Língua Inglesa, acabam sentido diversas dificuldades, ocasionando até mesmo a desistência. Essas dificuldades se dão pelo fato das inúmeras problemáticas existentes no contexto escolar em relação ao ensino do Inglês e acabam se configurando no espaço acadêmico ao terem contato com a disciplina.

Vale destacar que as dificuldades de aprendizagem em relação a Língua Inglesa não está presente somente no contexto escolar, mas também no universitário. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo principal identificar as dificuldades de aprendizagem em Língua Inglesa como Língua Estrangeira na formação dos discentes do Curso de Letras durante os três primeiros períodos iniciais, e como específicos: verificar as estratégias utilizadas para superar as dificuldades encontradas na aprendizagem de Língua Inglesa e analisar a partir dos dados coletados se o fato de o curso de Letras ser uma Licenciatura Dupla, configura-se como dificuldade para a aprendizagem satisfatória da Língua Inglesa.

Para atingir tais objetivos o trabalho, inicialmente, fez um levantamento teórico e uma discussão a partir dessa teoria para embasar a pesquisa, em seguida, aplicou-se um questionário para os alunos do 4º período de Letras por meio de perguntas com o intuito de analisar as questões e atingir as metas elaboradas, priorizando dessa forma uma metodologia de cunho qualitativo. Portanto, a pesquisa se desenvolve em primeiro momento na parte teórica e em segundo momento a análise de dados.

## 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

Historicamente o Brasil começa a relacionar-se com a Inglaterra a partir da chegada do inglês navegante Willian Hawkins em 1530, desde então, outros ingleses iniciaram suas viagens para as terras brasileiras em busca de riquezas e lucros. Foi só então no ano de 1654 com o tratado chamado de Westminster que ocorreu um maior estreitamento, pois a marinha britânica passa a assumir o comércio inglês com outros países, rompendo dessa forma a dominação de Portugal sobre o país. (FERREIRA e SANTOS, 2017)

Nesse contexto, acontecem diversos conflitos entre os ingleses e franceses, ocorrendo a vinda de D. João VI para o Brasil apoiado pela Inglaterra. Com o estabelecimento da corte portuguesa no país, segundo Ferreira e Santos (2017, p. 119):

[...] os ingleses tiveram autorização para estabelecer casas comerciais no país, aumentando, assim, o poder econômico deles na época. Mas também causou grandes mudanças internas, desenvolvimento da imprensa local, o uso do telégrafo, o trem de ferro e a iluminação a gás foram algumas delas. As companhias inglesas ofereciam empregos para engenheiros, funcionários e técnicos brasileiros, mas precisavam falar a Língua Inglesa para que pudessem entender as instruções e treinamentos.

Percebe-se a expansão da Língua Inglesa, inicialmente, como forma de assegurar o emprego e para entrar no mercado do trabalho. Muitos brasileiros se colocam nesse contexto para não passarem por necessidades ou caírem na fila dos desempregados. Tal necessidade se devia pela expansão do comércio inserido pelos ingleses em solo brasileiro.

Com o decreto de 22 de junho de 1809, dá-se início ao ensino formal de Língua Inglesa no país, esse torna-se obrigatório no currículo escolar. Entretanto, o objetivo principal de capacitar os trabalhadores devido o contexto comercial que se vivia na época. De forma prática, o ensino se direcionava na prática da comunicação oral e escrita, baseada no Método Clássico e Gramática-tradução, que eram os únicos que se conhecia. (SOUZA e SANTOS, 2011)

Com a proclamação da República em 1889, houve reformulações de pensamentos políticos e, conseqüentemente, educacionais. Essas novas reformas educacionais afetaram diretamente o ensino de línguas estrangeiras, inclusive o inglês, sendo retirado do currículo obrigatório. Todavia, é na década de 30 que o ensino do Inglês no Brasil toma novo impulso e direcionamentos. Comenta Donnini, Platero e Weigel (2010, p. 2-3):

A Reforma Francisco de Campos, em 1931, institui, ao mesmo tempo, a diminuição da carga horária do latim e o incentivo ao ensino das línguas estrangeiras modernas. Pela primeira vez, temos recomendação oficial quanto à adoção do Método Direto para o ensino de LEMs, sintetizado na Portaria de 30 de junho de 1931, do Ministério da Educação e Saúde Pública, como “o ensino da Língua Estrangeira na própria Língua Estrangeira”. Tratava-se de uma mudança metodológica bastante significativa, uma vez que subjaz o Método Direto a concepção de que a língua é fala e, portanto, o objetivo central do ensino de LEMs passa a ser o desenvolvimento da habilidade oral.

Tais orientações colaboram numa nova visão sobre o ensino do inglês e de sua valorização, além de ocorrer sua expansão no ensino em contexto de pós-guerra. Por ser mais valorizado, e com as mudanças políticas e econômicas tanto a nível nacional quanto internacional, cursos livres de inglês começam a surgir e se expandir no território brasileiro.

A partir de 1942 inicia-se um período de reformas por meio de Decretos-Lei denominado Reforma Capanema que “institui o ginásio, com duração de quatro anos e o colégio, com duração de três anos, em duas modalidades: o clássico e o científico” (DONNINI, PLATERO e WEIGEIL, 2010, p. 3). Durante este período, que de acordo com as autoras anteriormente mencionadas, foi considerado o período áureo do ensino das Línguas Estrangeiras Modernas, observa-se que houve:

[...] aumento do número de aulas semanais, perfazendo cerca de 20% da carga horária total (o ensino da língua francesa passa a ser obrigatório nos quatro anos do ginásio e nos dois primeiros anos do colégio; o ensino da língua inglesa é obrigatório a partir do segundo ano do ginásio e nos dos primeiros anos do colégio; o ensino da língua da língua espanhola é obrigatório no primeiro ano do colégio). (DONNINI, PLATERO e WEIGEIL, 2010, p. 3)

Observa-se que o ensino de LEM tem uma certa difusão durante o período da reforma, no entanto, destaca-se que o método adotado nesta época era o Direto. Ainda que fosse esta a recomendação, era cada vez mais distante as orientações oficiais do que realmente acontecia na escola, ou seja, o método tal qual era concebido recebia versões simplificadas do método de leitura, a oralidade muitas vezes era realizada por meio de leitura em voz alta de textos em inglês (PLATERO, 2000).

Tal reforma prevaleceu até a publicação da Lei de Diretrizes e Bases-LDB no ano de 1961, com a criação da LDB, muda-se de ensino clássico e científico para ensino de 1º e 2º graus. A lei recomenda que o ensino de Língua Estrangeira-LE seja trabalhado de forma parcial no 1º grau, desde que determinada instituição educacional tenha condições para ensiná-las. Destaca Ferreira e Santos (2017, p. 120):

Em 1961, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) retirou a obrigatoriedade do ensino de Língua Estrangeira no currículo do Ensino médio (2º grau na época), ficando somente obrigatório para o Ensino Fundamental (1º grau na época), se o estabelecimento escolar tivesse condições de ministrá-la com eficiência.

Percebe-se que novas leis vão surgindo, porém mudam de forma parcial e às vezes drasticamente a importância do ensino do inglês. Vale ressaltar que, após dez anos da primeira LDB, publicou-se a nova LDB de 1971, essa lei reduz a idade de formação do 1º e 2º graus, acarretando dessa forma, também a redução da carga horária do ensino da LE. Como já citado, a Língua Estrangeira passa a ser ensinada como acréscimo, ou seja, dependendo das condições de cada estabelecimento ela poderia existir ou não. Conseqüentemente com essa situação muitas escolas tiram a LE da grade curricular e em outras a redução da carga horária.

Dentro desses contextos de controvérsias, de idas e vindas sobre o ensino da Língua Inglesa, ressalta Silva (2011, p. 1):

Desde o século XIX o sistema educacional brasileiro vem sendo submetido a sucessivas reformas nas quais o ensino de Língua Inglesa tem sido ora negligenciado, ora tratado indevidamente, chegando a ser, até mesmo excluído da grade curricular obrigatória pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgadas em 1961 e 1971.

Ocorrido todos esses direcionamentos, de exclusão, negligenciamento, e a não importância dada ao ensino de inglês, surge com a LDB de 1996, as mudanças de 1º e 2º graus para ensino fundamental e médio. Essa nova lei deixa bem clara a importância da presença de uma LE no ensino fundamental, ficando a cargo da comunidade escolar a escolha de como poderia ser e em relação ao ensino médio, estabelece-se a obrigatoriedade de uma LE moderna, sendo que a instituição pode optar por uma segunda língua, caso haja disponibilidade para tal.

Comenta Donnini, Platero e Weigel (2010, p. 7) a respeito das reconstruções de ensino ao se tratar da LE:

O movimento de reconstrução da identidade do ensino de LEMs no Brasil ecoa na Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394, de 1996, que inclui, na parte diversificada do currículo, o ensino obrigatório de uma Língua Estrangeira a partir da 5ª série (atual 6º ano) do Ensino Fundamental e de pelo menos uma Língua Estrangeira no Ensino Médio. A escolha da língua a ser incluída “ficará cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição” (Seção I, Art. 26, parágrafo 5º).

Tais indicações começam a criar uma identidade própria do ensino da Língua Estrangeira, já que essa por muito tempo sofrera ataques em função de objetivos e interesses políticos, sociais e econômicos.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) surgem como forma de colaborar nas reflexões já existentes na LDB e contribui nas questões que tangem sobre a importância do estudo da LE. Portanto, o ensino fundamental, segundo os PCN, deve estar embasado em três fatores importantes: os históricos, os relativos às comunidades locais e os relativos à tradição. Reflete Donnini, Platero e Weigel (2010, p. 7-8) quanto a esses aspectos:

- 1) históricos, que justificariam a inclusão da Língua Inglesa e da língua espanhola (a primeira, dada sua crescente influência ao longo do século XX, culminando com a globalização; a segunda, dada a intensificação das relações econômicas com os países do Cone Sul);
- 2) relativos às comunidades locais, que justificariam a inclusão da língua portuguesa como Língua Estrangeira em comunidades indígenas, por exemplo;
- 3) relativos à tradição, que justificariam a inclusão do francês, dado seu papel relevante nas trocas culturais para toda uma geração de brasileiros.

Tais aspectos contribuem diretamente na inclusão da Língua Inglesa e de outras línguas estrangeiras nos contextos escolares de forma a serem trabalhadas conforme as realidades que se encontram as escolas. Esses fatores ainda dão abertura para que a Língua Inglesa seja trabalhada de forma sociointeracional, levando em consideração os fatores externos que circundam o ambiente escolar.

Vale lembrar que os PCN não direcionam uma metodologia específica para se trabalhar o ensino de línguas, no entanto, faz a sugestão que é importante se trabalhar dentro de uma abordagem sociointerativa, focada no aspecto da leitura. Logo, o ensino e a aprendizagem da LE são importantes no sentido de que são diversas transformações sociais e as exigências necessárias e advindas dessas modificações. (BRASIL, 1998)

### **3. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA INGLESA (ENSINO E APRENDIZAGEM) PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL**

Não há dúvidas acerca da importância de se estudar a Língua Inglesa, visto que o contexto brasileiro é rodeado e construído historicamente com a presença dessa língua. Destaca-se que tal pensamento foi se constituindo historicamente por valores ideológicos, advindos de valores econômicos dos países ingleses, como já destacamos anteriormente.

Apesar de fatores históricos colaborarem na elaboração desse pensamento, não se pode deixar de lado o pensamento contemporâneo sobre a importância da inserção dessa nova língua no contexto educacional brasileiro. Porém, para que ocorra o ensino de inglês é importante compreender quais são os objetivos do ensino dessa língua. Sabe-se que a Língua Estrangeira, na contemporaneidade, é ferramenta importante nos espaços políticos, culturais e sociais.

Paes e Jorge (2009, p. 163) suscitam algumas questões acerca da importância do ensino e a aprendizagem do Inglês na educação brasileira e a visão sobre seu principal objetivo:

Professores e alunos de inglês tendem a perceber o lugar da Língua Estrangeira no currículo principalmente a partir das possibilidades de seu uso prático: obtenção de emprego, viagem internacional, aprovação no vestibular etc., que realmente são justificativas importantes para a inclusão das LE no currículo da educação básica. Gostaria de questionar, no entanto, se seriam essas as principais razões para o ensino de LE na escola. Minhas reflexões levaram-me a observar a importância da LE para muito além de seus usos práticos. Gosto de ressaltar as possibilidades da educação plena do indivíduo, que podem ser propiciadas e potencializadas pelo contato com a LE. Assim, defendo a priorização do ensino da língua por seu caráter educativo.

Apesar do pensamento ampliado sobre os diversos benefícios que o ensino de uma Língua Estrangeira pode oferecer, é necessário compreender o seu caráter educativo citado pelos autores. O caráter educativo possibilita o aluno a se tornar um ser mais consciente diante da diversidade que é construído a realidade. Percebe a pluralidade existente no mundo, expressos pela cultura ou pelo o individual e assume uma posição de compreensão das transformações local e global.

O Inglês é visualizado como língua internacional por facilitar a comunicação de forma global. Entretanto, no contexto escolar o ensino ainda está voltado para as práticas gramaticais e vocabulares, ou seja, tradução e memorização, sem a preocupação com o processo comunicativo. Segundo Paes e Jorge (2009, p. 164):

Raramente existe a preocupação com a comunicação (apesar de o cenário atual estar muito mais interessante do que era há uns anos atrás). Ensinar uma língua é muito mais complexo que isso. Saber gramática e vocabulário é muito importante para aprender a se comunicar na Língua Estrangeira. No entanto, precisamos pensar que, mesmo sem perceber, quando ensinamos uma Língua Estrangeira estamos ensinando muitos outros aspectos relacionados a ela, tal como a cultura de um país, maneiras de representar um povo etc.

Nessa perspectiva, destaca-se novamente o valor educativo, visto que ele oportunizando ao aluno refletir sobre a língua, outras culturas e a sua, compreender, perceber e aprender a

grande diversidade existente em seu local e outros países, conhecer outras manifestações culturais e literárias e ampliar seu campo de conhecimento em relação às diferenças culturais e às múltiplas expressões artísticas.

Como já foi dito, vários são os fatores que levaram e levam os alunos brasileiros a aprenderem o inglês. Se o aluno passa a dominar a Língua Inglesa, ele então poderá compreender de forma mais ampliada as muitas manifestações que o cerca. A aprendizagem de uma LE contribui numa reflexão mais madura do aluno enquanto ser humano e cidadão crítico. Dessa forma, Marzari e Badke (2013, p. 2) comentam os benefícios adquiridos ao aprender uma LE:

[...] aprender uma LE nos permite interagir com pessoas de diferentes culturas e crenças, com diferentes modos de pensar e agir. Em vista disso, a disciplina de LE não deveria ser ofertada nas escolas de Ensino Fundamental e Médio apenas porque se trata de uma exigência do Ministério da Educação (LDB 1996); o ensino de inglês como Língua Estrangeira (ILE) não deveria ser visto como mera formalidade dos currículos escolares, uma vez que esse idioma contribui para a formação plena do indivíduo que a domina.

É perceptível nos comentários dos mais diversos teóricos a importância que a aprendizagem da Língua Inglesa tem e do que ela pode proporcionar ao ser humano a partir do momento que entra em contato com ela. O Inglês conseguiu grande repercussão como nenhuma outra língua, são milhões de pessoas que a tem como primeira língua e a utilizam como segunda língua, além de milhões que conseguem entrarem no mercado de trabalho por terem aprendida.

Percebemos então que, a aprendizagem da Língua Inglesa faz com que o aluno cresça e se desenvolva, com o intuito também de acompanhar as grandes mudanças ocorridas neste século. Logo, é necessário que se compreenda no contexto escolar a dimensão de importância que o Inglês tem para a vida do estudante contemporâneo. Sendo assim, Marzari e Badke (2013, p. 3) destacam o seguinte questionamento e reflexão:

O que a disciplina de Língua Inglesa oferece atualmente, nas escolas da rede pública, que acaba causando tanta desmotivação por parte dos alunos ao (tentar) aprendê-la? Talvez, se estivessem conscientes de que o inglês é a língua que permite o livre acesso a pessoas e lugares do mundo todo, a língua das organizações internacionais e, conseqüentemente, a língua mais estudada no mundo, os aprendizes poderiam perceber que estudar inglês é tão importante quanto estudar matemática, física, biologia, enfim, todas as demais disciplinas do currículo escolar.

O questionamento acima nos leva a pensar em outras questões que serão colocadas posteriormente, porém, neste momento, pensa-se se o inglês está realmente atingindo as quatro habilidades da língua. O domínio em relação a essas quatro habilidades é fundamental, tendo em vista a realidade globalizada e as diversas exigências e mudanças que o cotidiano atual apresenta.

Dominar a Língua Inglesa na atualidade é estar preparado para muitas situações. Como já suscitado em alguns momentos, o aprendizado do Inglês possibilita a integração e a atuação do indivíduo na sociedade. Por isso a importância das instituições escolares darem a importância necessária para o Inglês e para a formação dos alunos quanto a essa disciplina. Todavia, vive-se ainda uma triste realidade ao se falar de educação de qualidade e sobre a importância dessa LE. Ressaltam Pimenta, Moreira e Reedijk (2016, p. 33):

[...] falar do ensino da Língua Inglesa em um país cuja educação é insatisfatória de forma geral requer um pouco de sensibilidade e paciência, já que o problema não advém apenas das complicações histórico-culturais envolvendo o tema em questão, mas também de problemas governamentais. Desde muito tempo, as aulas de inglês não são devidamente valorizadas nem pelos alunos, nem pela escola e tão pouco pelo governo e por professores de outras áreas da educação.

Diante do contexto que se apresenta, são necessários novos posicionamentos em relação ao ensino e aprendizagem do Inglês nas escolas públicas brasileiras, pois são diversos teóricos e documentos que contribuem para a reflexão de sua importância para os alunos diante do cenário que o país apresenta.

Brasil (1998) alerta a Língua Estrangeira na escola abre outras possibilidades de conhecimento e indica grande relevância na aprendizagem ao se tratar da curiosidade em aprender outras línguas. A LE, em especial o Inglês, neste momento histórico presente, dá acesso às diversas tecnologias modernas, à ciência e à comunicação intercultural, entre tantos outros parâmetros e outros modos de perceber e ver a vida humana. Não se pode negar a importante presença, ensino e aprendizagem dessa língua na educação pública brasileira.

### **3.1 A atual situação do ensino de Língua Inglesa no Brasil**

O ensino do Inglês no Brasil encontra-se estruturado de forma descentralizada. O ensino nesse caso está dividido em duas esferas básicas, a de nível federal, regulamentada pela Constituição Federal - CF, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDBNE e os Parâmetros

Curriculares Nacionais - PCN, e a de nível estadual e municipal, organizadas pelas secretarias de educação. (BRITISH COUNCIL (2015, p.7)

Dentro da esfera federal a CF garante o acesso à educação e a universalização do ensino. Já a LDB, versão de 1996, designa os papéis tanto da União, quanto dos Estados e Municípios, descentralizando as responsabilidades, dando autonomia em relação a elaboração de políticas educacionais locais, em conformidade com a realidade. E por último os PCN é o documento federal orientador das secretarias estaduais e municipais ao que concerne os conteúdos a serem ministrados ou ofertados em cada disciplina e os objetivos que precisam serem alcançados em cada uma.

Vale lembrar que é por meio da esfera federal que ocorre a oferta de materiais didáticos. O relatório disponibilizado pelo British Council (2015, p. 7) destaca o seguinte:

A esfera federal também regula a oferta de materiais didáticos através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que oferece acesso gratuito a livros didáticos a todas as escolas públicas no país. Para ter acesso, o professor deve acessar o site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) ou enviar via Correios a solicitação dos seus livros, após tê-los escolhido entre os títulos constantes de uma lista previamente aprovada pelo MEC. Desde 2011, a Língua Inglesa está contemplada no PNLD e os principais livros de inglês utilizados, segundo os gestores públicos, são: “English for All”, “Globetrekker”, “On Stage”, “Prime”, “Take Over” e “Upgrade”.

Entretanto, apesar da disponibilização do material didático de Língua Inglesa, não há nenhuma Lei Federal que garanta a obrigatoriedade do ensino do Inglês nas escolas públicas. Já a LDB determina o ensino de uma LE tanto no Ensino Fundamental II quanto no Ensino Médio, porém a escolha fica a cargo das escolas ou das secretarias de educação. Dessa forma, muitas escolas acabam por não optarem pelo ensino do Inglês, causando assim, a pouca proficiência de muitos alunos brasileiros.

No que compete a autonomia dada aos níveis estaduais e municipais, como já suscitado, fica a cargo dessas esferas a oferta ou não da Língua Inglesa. As escolas têm autonomia para optarem pela Língua Estrangeira que irão ensinar, a carga horária, a grade curricular, as habilidades trabalhadas, dentre outros critérios. Segundo o relatório do British Council (2015, p. 7):

O ensino da Língua Estrangeira pertence à parte diversificada da Base Curricular Comum, o que significa que deve ser adaptado às realidades regionais, sendo que algumas redes optam por não oferecer Língua Inglesa (optando, ao invés disso, por oferecer o ensino de outras línguas). O fato de

pertencer à parte diversificada faz com que a Língua Estrangeira seja menos regulamentada e muitas vezes considerada complementar dentro do currículo escolar. Esta situação confere ao inglês, quando é oferecido, um papel marginal na grade curricular, o que pode ser percebido pela carga horária menor da Língua Estrangeira, quando comparada à de outras disciplinas.

Nesse sentido, percebe-se uma nomenclatura que não colabora no ensino da Língua Inglesa no Brasil, tendo em vista a flexibilidade dada as esferas. A grade curricular elaborada pelas escolas ou pelas secretarias não demonstram uma importância significativa dada ao ensino do Inglês. Por isso, em muitas realidades escolares é possível observar a oferta de cursos extracurriculares ou a existência de Centro de Línguas, com o intuito de sanar essas as diversas dificuldades encontradas no ensino da LE. BRITISH COUNCIL (2015, p. 7)

Diante de tal cenário, visualiza-se um quadro que mesmo que estejam regulamentadas o ensino de inglês no Brasil, parece ter pouca importância na grade curricular, isso só tem a agravar a falta de oferta e a implementação de estratégias que possam colaborar na melhoria do aprendizado da língua. Brasil (1998, p. 24) faz a seguinte observação:

[...] o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. Em outras, tem o *status* de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação. Em alguns estados, ainda, a Língua Estrangeira é colocada fora da grade curricular, em Centros de Línguas, fora do horário regular e fora da escola. Fora, portanto, do contexto da educação global do aluno.

A disciplina de Inglês nos contextos escolares ainda é vista como “disciplina menor”, ou seja, daquelas que não se dá o valor necessário, por acreditarem que ela é apenas um complemento de horário. E ainda, os objetivos do ensino dessa disciplina estão focados na escrita e na tradução e textos, sem perceber as reais necessidades dos alunos e sem ter concepção da natureza da linguagem. Além, da aplicação de conteúdos descontextualizados e sem funções sociais. Todas essas questões levantadas,

[...] apontam para as circunstâncias difíceis em que se dá o ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira: falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicado à matéria no currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente (BRASIL, 1998, p. 24).

Tais fatores da não valorização do ensino da LE já são evidenciados de uma escala hierárquica que vem de cima para baixo. Diversos são os problemas atrelados ao trabalho com a Língua Inglesa no ensino básico das escolas públicas brasileiras. Além desses fatores problemáticos, é evidenciado nos espaços das escolas públicas brasileiras os ambientes hostis e de vulnerabilidade, na qual os alunos e professores tem que estar submetidos. A violência, a degradação dos espaços, os furtos, gerando assim o desconforto e o medo de estarem presente nesses ambientes.

As classes numerosas e heterogêneas acabam também dificultando o ensino, impactando, principalmente, o ensino do Inglês ao nos reportamos sobre a questão da oralidade, conforme o que direciona os PCN em relação ao processo comunicativo e as práticas sociais. Outro problema é a precariedade de condições que estão disponíveis para os professores de Língua Inglesa para um trabalho mais eficaz. Não destacamos somente as questões materiais, já que é somente o livro que se encontra disponível como recurso pedagógico, mas também as salariais e jornadas de trabalhos. Para Quevedo-Camargo e Silva (2017, p. 265):

Os três problemas mencionados não são, obviamente, exclusivos do ensino do inglês. São situações postas pelo sistema público de ensino como um todo em todas as esferas - federal, estadual ou municipal. No entanto, no caso específico do ensino do inglês, eles impactam na visão tanto de alunos quanto de professores com relação à relevância da disciplina no currículo e causam desmotivação e desinteresse em ambas as partes.

Logo, a partir da realidade apresentada é necessário refletir sobre as diversas causas, além das apontadas, que levam muitos alunos brasileiros a não terem o mínimo possível de aprendizado do Inglês, pois a necessidade dessa língua para muitos alunos que querem prosseguir os estudos e uma vez ou outra ocorre a precisão da utilização dela para a realização de avaliações de proficiência, de concursos, de comunica-se com outras pessoas caso haja necessidade, e ainda, das dificuldades que encontram os alunos de letras ao ingressarem num curso superior de Licenciatura em Língua Inglesa.

#### **4. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO IEAA**

O Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente do Amazonas, foi implementado em 2006 como licenciatura dupla, com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa. A necessidade da criação do curso surge com o intuito de suprir as carências de profissionais formados nessa área, pois professores não qualificados acabavam por lecionar,

principalmente o Inglês, para complemento de carga horária, mesmo não tendo qualificação para o mesmo (PPC, 2010). Em virtude do projeto de expansão da Universidade Federal do Amazonas é que,

[...] foi criado no polo de Humaitá o Curso de LETRAS - LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESAS E LÍNGUA E LITERATURA INGLESAS, tendo suas atividades acadêmicas no ano de 2006, denominado como MULTICAMPI, situado na Rua 29 de agosto, 786, município de Humaitá que dista 600 km da Capital Manaus (PPC, 2010, p. 8).

Com a criação do Curso de Letras foi possível iniciar um trabalho no sentido de colaborar de forma mais significativa no contexto das escolas, não somente da cidade de Humaitá-AM, mas do entorno e porque não dizer de outros estados do Brasil, pois considera-se que os discentes matriculados neste pólo são oriundos de vários municípios circunvizinhos e outros lugares do país. Vale salientar que a duração do curso é de 4 anos, porém a perspectiva de profissionais qualificados para trabalhar na área específica de Língua Inglesa era esperada.

Diante do contexto que apresenta a realidade brasileira é importante que o profissional se qualifique continuamente, haja vista que, as relações de trabalho com o passar dos anos exigem cada vez mais do indivíduo. Dessa forma, o trabalho do licenciado em Letras - Língua e Literatura portuguesas e Língua e Literatura inglesas, não se restringe em determinadas funções, pois o campo humanístico de atuação é muito amplo.

Nesse sentido, o acadêmico de letras deve relacionar seus estudos teóricos com as práticas do cotidiano e realidade escolar, para que assim, o ensino de Língua Inglesa seja dinâmico e significativo. O graduando deve estar atento e conhecer os contextos socioculturais presentes em sala de aula, respeitando a pluralidade que constrói a identidade da comunidade local. O PPC (2010, p. 9) corrobora tal reflexão:

A dupla licenciatura, Português-Inglês, do polo de Humaitá deve favorecer essa abordagem intercultural, comprometida com a pesquisa e a extensão em benefício da população local, a fim de preservar o patrimônio cultural da região, valorizando a compreensão antropológica das relações, o que nos leva necessariamente à construção de um contexto mais propício às ações afirmativas que despertam a consciência para a importância das línguas no tecido da história humana.

Espera-se do profissional de letras, o comprometimento com as questões sociais, não só dentro do ambiente escolar, mas também fora. Ele deve participar ativamente das atividades que se comprometem com a construções de políticas efetivas para o ensino de línguas, além de

valorizar dos saberes advindos delas. Logo, o profissional de letras deve ter conhecimento e domínio da língua, enquanto objeto de sua formação e estudo e também desenvolver habilidades que possam refletir criticamente sobre temas relativos aos conhecimentos linguísticos e literários.

## **5. DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ALUNOS DE LETRAS NA FORMAÇÃO INICIAL**

Esta seção tem por objetivo apresentar e analisar as respostas dos discentes de Letras em formação inicial. Para esta pesquisa optou-se em buscar participantes matriculados no 4º período na disciplina Língua Inglesa IV. O questionário visava coletar informações a fim de refletir sobre as possíveis dificuldades na aprendizagem de Língua Inglesa como Língua Estrangeira na formação inicial do Curso de Letras. Dessa forma, foram coletados doze questionários e por questões éticas os discentes serão identificados por nomes fictícios: Lucas, Karla, João, Kamila, Maria, Juliana, Marta, Bia, Laura, Simone, Lilian e Luana. Vale lembrar que o questionário estava dividido em duas partes: Parte I que buscou coletar informações pessoais dos participantes da pesquisa e Parte II que apresentou questões relacionadas às dificuldades encontradas na aprendizagem da Língua Inglesa.

Entre os participantes da pesquisa, dez (10) são do sexo feminino e dois (02) do sexo masculino. Todos são ingressantes do Curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa no ano de 2016 e matriculados regularmente na disciplina da Língua Inglesa IV no período da pesquisa e coleta de dados. Importante salientar que nenhum reprovou até o momento em alguma disciplina de Língua Inglesa.

Na Parte II, a primeira pergunta direcionada aos entrevistados foi “*ao ingressar no curso, você encontrou dificuldades em relação ao ensino de Língua Inglesa? Sim ou não? Se sim, quais?*”. Quatro (04) dos participantes: Lucas, Karla, Kamila e Lilian responderam que não encontraram dificuldades. Já João, Maria, Juliana, Marta, Bia, Laura, Simone e Luana, cinco (05) participantes disseram que sim. João sente dificuldade com o vocabulário, Maria estudou inglês apenas no Ensino Médio e sente dificuldade com a pronúncia, Juliana dificuldades com o vocabulário, pronúncia e gramática e Marta estudou apenas no Ensino Médio e teve pouco aproveitamento, Bia estudou apenas no ensino fundamental, Laura sente dificuldade com o vocabulário, pronúncia e na gramática e Simone sente dificuldade com a pronúncia, Luana sente dificuldade com a pronúncia e outros, relatou que nunca estudou a língua antes.

Percebe-se que quatro dos doze entrevistados não encontraram dificuldades, porém a maioria afirma que sim, na pronúncia, vocabulário e gramática. Para alguns o ensino no Ensino Médio não foi muito proveitoso, ou seja, a aprendizagem não foi significativa e chegaram no ensino superior sentindo dificuldades.

Essa problemática vivenciada pelos alunos ao ingressarem na Universidade se deve a realidade do ensino do Inglês nas escolas públicas que vivenciaram, para Quevedo-Camargo e Silva (2017, p. 266) “tratando especificamente do inglês, há de se registrar alguns ganhos resultantes de documentos e legislação mais recentes. No entanto, a estrutura descentralizada do seu ensino pode ser apontada como uma das responsáveis pelos problemas que enfrentamos há décadas”. Vivencia-se ainda uma realidade de precariedade de ensino no ensino básico e isso tem acarretado sérios problemas e é expressivo nos que ingressam num ensino superior.

“Em relação às habilidades para ensino de línguas abaixo, o que representa a maior dificuldade ao estudar inglês? *Listening, Speaking, Reading, Writing*”. Foi a segunda questão direcionada aos discentes, eles comentaram:

QUADRO 1 – Dificuldades nas habilidades linguísticas apresentadas pelos participantes

<b>Habilidades</b>	<b>Dificuldades apresentadas</b>
<b><i>Listening</i></b>	Geralmente não se encontra muito a prática do <i>listening</i> além da sala de aula, que acarreta na dificuldade em aprender a língua (Lucas).
	Porque eu não consigo compreender os áudios, confundo muito as palavras pronunciadas (João).
	Porque muitas vezes não compreendo o que os áudios dizem, por isso o <i>listening</i> torna-se dificultoso (Kamila). (Karla) <sup>4</sup>
<b><i>Speaking</i></b>	Porque não obtive uma base muito boa sobre o ensino da mesma (Juliana).
	Adquirir uma pronúncia boa requer bastante treino (Lilian).
	Porque ainda não consegui assimilar a entonação do som (Luana).
<b><i>Reading</i></b>	Porque é uma das dificuldades que tenho e não consegui me adaptar (Marta).
<b><i>Listening and Speaking</i></b>	Apesar da gente conhecer o vocabulário, a pronúncia muitas vezes não é conhecida por nós e por isso não entendemos o que está sendo dito. (Bia)
	Tive pouco, não consigo compreender e falar (Maria).
	Não estávamos acostumados a ouvir outra língua e no começo era difícil compreender quando o professor falava tudo em inglês, ele precisava traduzir depois, mas com o tempo nossa mente vai se adequando e ouvindo melhor e também sempre tive dificuldade em falar, pelo som mesmo ser diferente não conseguia gravar as palavras (Simone).
<b><i>Listening and Reading</i></b>	Porque não consigo entender se não falar explicitadamente devagar e tenho ainda dificuldades para entender o significado de algumas palavras (Laura).

Fonte: Dados da Pesquisa

<sup>4</sup> A participante apenas assinalou, mas não justificou sua dificuldade.

Observando o quadro acima, optou-se por dividir as dificuldades em cinco categorias conforme as respostas assinaladas pelos participantes, quais sejam: *Listening*, *Speaking*, *Reading*, *Listening and Speaking*, *Listening and Reading*. Em relação à habilidade de *Listening* somente quatro (04) dos participantes apontaram como suas maiores dificuldades, sendo que apenas três comentaram sobre suas dificuldades. Lucas destaca que não se encontra muito a prática dessa habilidade além da sala de aula. Porém vale ressaltar que muitos são os recursos encontrados além do contexto de sala de aula, como filmes, músicas, áudios, dentre outros, em idioma estrangeiro. No entanto, é possível que mesmo diante de tais exposições, os discentes não estejam habituados a identificar tais recursos como meio de dar suporte à sua aprendizagem.

Ainda sobre a dificuldade *Listening* observa-se pelas falas de João e Kamila que afirmam que não compreendem muito bem os áudios, por isso a grande dificuldade em assimilar o que está sendo pronunciado. Tal situação ocorre devido ao pouco contato com a língua e com a falta da prática diária, pois conforme já exposto os discentes poderiam buscar outros meios que os pudessem auxiliar, considerando serem muitas as possibilidades.

Para a habilidade *Speaking*, segunda categoria de análise que elencamos em relação às dificuldades, observa-se que três participantes afirmam tê-las. Juliana tem dificuldade na conversação, pois alega que não teve uma base sólida para tal prática. Lilian reconhece que para se ter uma boa pronúncia é necessário que haja “bastante treino”. Já Luana, afirma ter dificuldades por não conseguir assimilar a entonação do som. Observando os três excertos e as dificuldades apontadas, nota-se que a prática constante é algo que é requerido e reconhecido pelas participantes da pesquisa. Neste sentido, é com a prática que dificuldades como a de Luana no reconhecimento dos sons da língua, podem ser minoradas.

Quanto à habilidade *Reading*, apenas Marta afirma tê-la, a mesma diz que dentre as suas dificuldades ainda não consegue se adaptar com a leitura. Considerando tal afirmação, é possível compreendê-la pelo fato de que os alunos não estão habituados desde o início de sua aprendizagem na língua como lidar com textos. Desta forma, alguns alunos apresentam tais dificuldades nesta habilidade por não possuir os conhecimentos necessários para desenvolver esta habilidade.

Como quarta categoria de análise para esta questão, apresenta-se as habilidades *Listening and Speaking*, assinaladas por três dos participantes. Assim, Bia, Maria e Simone apontaram ter dificuldades nestas duas habilidades. Bia afirma que mesmo conhecendo o vocabulário se não conhecer a pronúncia é possível que não se tenha o entendimento do que está sendo dito. Maria afirma não conseguir não possuir nem a compreensão oral e consequentemente a produção oral (*Speaking*). Simone afirma que tais dificuldades ocorrem

pela fato de não estar habituada a ouvir outra língua. Com isso, afirmou ser difícil compreender o professor quando ministrava sua aula em inglês, fazendo com que o mesmo, usasse também a língua materna para se comunicar. Afirma também, que à medida que o tempo passa é possível superar tais dificuldades.

Quanto à dificuldade nas habilidades *Listening and Reading*, Laura afirma que suas dificuldades ocorrem pelo fato de não conseguir entender, caso o interlocutor não fale devagar e de forma clara. Além disso, a mesma afirma ter dificuldades para entender o significado de algumas palavras.

De acordo com o quadro das dificuldades apresentadas pelos participantes da pesquisa, observa-se que, majoritariamente, a habilidade *Listening* é apontada por oito (08) dos participantes como uma das maiores dificuldades no Ensino de Língua Inglesa. Observa-se que nenhum dos participantes aponta a habilidade *Writing* como dificuldade, é possível inferir devido ao fato de serem discentes iniciantes e que, portanto, possam não ter sido expostos à tal habilidade com tanta frequência.

A aprendizagem significativa das quatro habilidades é fundamental. Caso não ocorra, os alunos, posteriormente, sentirão dificuldades. Nesse caso, dentre as várias possibilidades metodológicas, a abordagem comunicativa pode ser considerada como forma do uso real da língua de forma complementar. Destaca Nicholls (2001, p. 62):

No ensino de uma Língua Estrangeira, o planejamento de conteúdo não se restringe apenas à seleção das estruturas gramaticais, mas leva em consideração uma pleora de aspectos que conduzem ao domínio dos conhecimentos, habilidades e *insights* subjacentes à competência comunicativa. Em primeiro lugar vêm as quatro habilidades da comunicação oral e escrita (Widdowson, 1979) que, ao contrário do que postulam as abordagens baseadas no Estruturalismo e no Behaviorismo, podem ser integradas e apresentadas concomitantemente. Em segundo lugar vêm as funções (Wilkins, 1977) que devem ser selecionadas e organizadas tomando como critério a sua utilidade, seu interesse para as necessidades do aluno, resultando de um *needs analysis*; o *teachability* das funções, ou a facilidade de serem ensinadas e aprendidas e a sua frequência de uso também são levados em conta. Depois, então, é que vêm as estruturas gramaticais e o vocabulário que dão corpo às funções.

Essas habilidades devem ser valorizadas e fazer parte da metodologia do professor desde o Ensino Básico. Tais práticas conduzirão os alunos a terem mais contato real com a Língua Inglesa. Os problemas ainda persistem em várias práticas dos professores, alguns valorizam mais uma habilidade que a outra, ou muitas das vezes deixam de “escanteio” determina competência, colaborando num processo fragmentário do inglês.

A terceira questão versa sobre “nas aulas de Língua Inglesa do Curso de Letras, quais as considerações que você faria em relação à: a) metodologia utilizada pelo professor; b) recursos didáticos utilizados nas aulas; c) livros didáticos e demais materiais utilizados e d) sua atuação como aluno na disciplina”. Dentre as categorias elencadas destacou-se o que segue:

**a) Metodologia utilizada pelo professor**

- Desde o inglês I ao inglês IV, a consideração em todos os aspectos relacionados acima, o que não alcançou objetivo algum foi o inglês III, pois o professor não tinha metodologia boa, nem utilizava com êxito os recursos didáticos (Lucas).
- A metodologia do professor é excelente, porque ele trabalha os quatro pontos importantes da Língua Inglesa. (Karla)
- A professora explora muito bem os recursos didáticos (João)
- A metodologia utilizada deveria melhorar (Kamila)
- A professora é ótima[...] utiliza todos os recursos (Maria)
- Sobre a atual professora, ótima. (Juliana)
- A metodologia é ótima, ainda mais agora com a professora X<sup>5</sup>.(Marta)
- Apesar da metodologia ser dinâmica, o professor muitas vezes não consegue explicar o assunto com excelência, portanto, é mais importante quando o professor se sente seguro com sua profissão; (Bia)
- Quanto a metodologia está melhorando, a atual professora é bastante dinâmica e utiliza de diversos métodos para exemplificar e explica melhor o assunto da aula, ela utiliza de materiais didáticos ótimos (Laura).
- No 1º período foi muito fraco nosso aprendizado, pois o professor não pegava pesado, sei que cada aluno tem seu tempo, porém é preciso empurrar ele para que não pare no caminho. Depois tivemos esse “empurrázinho”(Simone)
- Uma metodologia empenhada na formação de professores falantes de língua deveria ser mais apoiada em materiais que possibilitem mais a conversação (Lilian).
- Eu acredito que as metodologias estão precisando de mais atenção, pois não estão sendo produtivas no sentido de aprendizagem (Luana).

Em relação às afirmações feitas pelos participantes da pesquisa, é possível observar seus posicionamentos acerca da metodologia do professor, que varia entre ser boa, ótima, excelente, “dinâmica, que explora bem os materiais didáticos” e empenhada para uma metodologia que “precisa ser melhorada, que não consegue explicar os assunto com excelência, que não “pega pesado”, que necessita de “mais atenção, pois não estão sendo produtivas”. Neste sentido, a partir destas percepções infere-se que o discente observa a atuação do professor e consegue reconhecer algumas lacunas na sua formação.

**b) recursos didáticos utilizados nas aulas;**

- Os recursos didáticos utilizados são acessíveis ao nosso conhecimento. (Karla)
- Os recursos são apropriados (João).

---

<sup>5</sup> Ocultado o nome da professora.

- Os recursos didáticos são bons (Kamila)
- Os recursos estão no padrão ótimo, (Marta).
- Todos os recursos utilizados por nossos professores faziam parte do nosso contexto (Simone)

Quantos aos recursos didáticos os discentes os consideram acessíveis, apropriados, bons ou no padrão ótimo e que fazem parte do contexto. Mesmo que nem todos tenham se manifestado a respeito da utilização dos recursos didáticos utilizados em sala de aula, os que o fizeram teceram comentários positivos acerca do que se utiliza.

***c) livros didáticos e demais materiais utilizados;***

- A apostila é interessante, pois há muitos exercícios, fazendo que nós alunos possamos sempre estar aprendendo. (Karla)
- Os livros são bem compreensíveis (João)
- Os livros didáticos são trabalhados em todas as aulas, e os demais materiais deveria ter mais. (Kamila)
- O livro também nos ajuda bastante. (Maria)
- Os livros e os materiais também estão ótimos. (Marta).
- Os materiais e a metodologia está em segundo lugar, é apenas um complemento ao ensino do docente. (Bia)
- Eles sempre inovar, trazendo outros materiais como a caixinha de som, com músicas em inglês (Simone)

No que refere ao livro didático, ressalta-se que para as aulas de Língua Inglesa são utilizados os da coleção *American English File*<sup>6</sup> sendo: Livro 1 para Língua Inglesa I e II; Livro 2 para a Língua Inglesa III e IV, além de outras bibliografias (PPC, 2010). De acordo com as informações fornecidas pelos alunos que se posicionaram a respeito, o livro foi considerado: interessante, compreensível, que ajuda bastante, ótimo. Por outro lado, há a compreensão de que este é apenas um complemento da prática docente e que este precisa inovar e utilizar outros recursos didáticos.

***d) sua atuação como aluno na disciplina;***

- Na Língua Inglesa não há dificuldade para mim, pois fui apresentada a ela na infância (Karla).
- Eu me sinto um pouco atordoado, pelo fato dos meus outros colegas terem mais fluência na língua (João)
- A minha atuação como aluno deveria melhorar (Kamila).
- Hoje estou mais tranquila [...]No momento melhorei bastante (Maria)
- Sobre minha atuação, regular, pois não posso me dedicar tanto devido ao grande número de trabalhos das outras disciplinas (Juliana).
- Minha atuação não está boa, pois tenho muita dificuldade na língua (Marta).
- Eu sempre procuro estudar por fora, as aulas não são o bastante para quem quer ser professor de Inglês (Bia).
- Percebo que estou melhorando muito no aprendizado de Língua Inglesa (Laura).

---

<sup>6</sup> Editora Oxford

- Sempre ótima (Simone).

Em relação a auto reflexão do discente acerca da sua atuação, as afirmações são diversificadas, pois enquanto uns reconhecem-se sem dificuldades, outros percebem que estão melhorando, e outras ainda que consideram que necessitam buscar estudar fora para poder acompanhar. A participante Karla afirma não sentir dificuldades no aprendizado do inglês pelo fato de ter tido contato com a língua desde a infância. Esse contato possivelmente fez com que ela se adaptasse de forma mais fácil com a língua. Por outro lado, dentre as questões levantadas, João afirma que se sente “um pouco atordoado” pelo fato dos colegas terem mais fluência na língua que ele. Neste caso, em particular, observa-se que o discente demonstra como se sente por não se considerar no mesmo nível que os demais segundo sua própria visão.

Apesar das boas metodologias, explorações dos materiais e dinamização das aulas, observa-se que alguns alunos ainda encontram dificuldades, e outros que afirmam já ter melhorado seu desempenho. Pode-se se dizer, que estas condições estão relacionadas às questões suscitadas, mas de forma relevante a como o professor conduz o ensino e a aprendizagem do aluno. Entende-se nesse contexto que a metodologia do professor e de como ele conduz o processo de ensino e aprendizagem é essencial. Segundo Leffa (2001, p. 333):

O professor de línguas estrangeiras, quando ensina uma língua a um aluno, toca o ser humano na sua essência – tanto pela ação do verbo ensinar, que significa provocar mudanças, estabelecendo, portanto, uma relação com a capacidade de evoluir, como pelo objeto do verbo, que é a própria língua, estabelecendo aí uma relação com a fala. Mas, se lidar com a essência do ser humano é o aspecto fascinante da profissão há, no entanto, um preço a se pagar por essa prerrogativa, que é o longo e pesado investimento que precisa ser feito para formar um professor de línguas estrangeiras. Sem esse investimento não se obtêm um profissional dentro do perfil que se deseja: reflexivo, crítico e comprometido com a educação.

A metodologia conduzida em sala de aula por esse sujeito fundamental, o professor, agregando a forma como utiliza os materiais pedagógicos e sua relação com a disciplina, são chaves norteadoras de condução da aprendizagem do inglês, além disso, contribui significativamente na formação e capacitação do aluno em relação à Língua Estrangeira.

Na quarta questão, “*quais estratégias você utilizou como forma de acompanhar as disciplinas de Língua Inglesa até o presente momento?*”. Aos participantes foi facultada a possibilidade de assinalar mais de uma vez, bem como de sugerir outras estratégias que não estavam elencadas. Abaixo, apresentamos um quadro resumo das respostas dadas pelos

participantes da pesquisa. Ressalta-se que houve um total de vinte e nove (29) alternativas assinaladas pelos doze (12) participantes.

Quadro 2- Estratégias utilizadas pelos discentes para acompanhar a disciplina de Língua Inglesa

<b>Estratégias Utilizada</b>	Lucas	Karla	João	Kamila	Maria	Juliana	Marta	Bia	Laura	Simone	Lilian	Luana	<b>Total</b>
Estudou Sozinho ( <i>Self Study</i> )	X	X	X			X	X		X	X	X	X	09
Buscou atendimento com o professor								X	X			X	03
Estudei no Projeto CEL			X	X	X	X		X	X	X	X	X	09
Estudei em outro Curso de Idiomas												X	01
Formou Grupo de Estudos								X					01
Buscou Atendimento de Monitoria	X	X			X	X							04
Fez Cursos <i>online</i>													-
Outros: Ouço música e assisto filmes e séries legendadas, auxilia muito, pelo fato de treinarmos o <i>Listening, Speaking, Reading e Writing</i>		X											01
Outros: assiste vídeo aulas no <i>you tuber</i>									X				01
<b>Total</b>	02	03	02	01	02	03	01	03	04	02	02	04	<b>29</b>

Fonte: Dados da Pesquisa

Conforme observa-se no Quadro 2, nove (09) dos discentes utilizam como estratégia estudar sozinho, destes apenas dois descrevem o que realmente fazem, pois buscam outras ferramentas para contribuir no aprendizado: músicas, vídeo aulas e séries. Dos doze (12) participantes, apenas três (03) assinalaram buscar o atendimento com o professor. Ressalta-se que é previsto no plano de ensino do professor horário disponível para atender os discentes. A monitoria, nesse processo de formação, tem um papel importante, quatro (04) participantes assinalaram utilizar como estratégia para acompanhar a disciplina de Língua Inglesa. Destaca-se, também, a participação no projeto CEL, para o qual nove (09) participantes assinalaram buscar como estratégia de acompanhamento. Em relação à formação de grupos de estudos, apenas Bia assinalou utilizar esta estratégia. Já Luana, buscou sanar suas dificuldades em outro curso de idioma, o que também pode ser vantajoso.

Estudar um idioma estrangeiro requer de fato muita dedicação, considera-se que no caso em questão, por se tratar de formação de professores de línguas, tanto maior é a responsabilidade e o compromisso neste processo. Assim, pode-se dizer que tais manifestações em relação à formas de auxiliar no aprofundamento da aprendizagem, são significativas.

Neste caso, é importante que a universidade, além de contribuir no fomento do conhecimento, apresente outras alternativas que possam auxiliar o discente em seu processo de formação e das dificuldades encontradas.

O aluno precisa criar autonomia em relação ao seu aprendizado e formação, no entanto, o contexto escolar ou a universidade devem dar condições para a formação desse processo. Dentro dessa perspectiva, a monitoria e os projetos são espaços eficazes e significantes de fomentação e práticas do inglês. Reforça Moraes (2001, p. 121) a esse respeito:

Compete ao grupo de professores de uma escola criar situações-desafios e projetos que sejam mobilizadores e dirigidos para aprendizados específicos, variados e estimulantes. Os professores devem aproveitar oportunidades de construir entre o já aprendido e o novo aprendizado, ainda que aprendizados não previstos no projeto surjam ao longo do processo.

Criar situações que possam contribuir naquilo que o aluno já traz da escola para a universidade, torna-se um compromisso dessa, já que ela tem por finalidade formar profissionais competentes e que possam colaborar na melhoria da educação e também na formação de alunos crítico e participativos do meio em que vive. Podemos observar isto no Projeto CEL, visto que traz consigo a vantagem e a possibilidade de o aluno progredir no seu aprendizado, tendem a ser esse um espaço construtivo do ensino da Língua Inglesa.

Sobre a quinta pergunta “*você considera que estudar uma Licenciatura Dupla configura-se como dificuldade para a aprendizagem satisfatória da Língua Inglesa? Sim ou não. Justifique*”. Os participantes justificaram suas respostas como segue:

Quadro 3 – Concepção dos discente acerca da Licenciatura Dupla ser ou não uma dificuldade

<b>Sim/Não</b>	<b>Justificativas</b>
NÃO	As outras disciplinas de Língua Portuguesa tiram muito tempo para o estudo da Língua Inglesa no curso, como por exemplo, há muitas literaturas sem necessidades, e isso tira as disciplinas voltadas para o ensino da L.I. (Lucas).
SIM	Porque devemos mediar, saber analisar, pois devemos caminhar com o Português e o Inglês juntos. Eu tenho facilidade em ambas as matérias (Karla).
	Porque se eu focar nas duas licenciaturas, logicamente o tempo será dividido entre as duas e assim aprenderei metade de cada (João).
	Porque não focamos apenas em 1 disciplina e sim em várias, pois o português também é importante, assim como o inglês. Nesse sentido, sentimos dificuldades em aprender uma nova língua (Kamila).
	Pois, o acúmulo de trabalhos nos sobrecarrega (Juliana).
	Porque são duas disciplinas importantes, e com isso há um rendimento não tão como se espera da turma (Marta).
	Pois devemos nos atentar à duas disciplinas, não podendo se dedicar inteiramente a uma (Bia).

	Pois é de muita responsabilidade no sentido de ter que estudar as duas línguas ao mesmo tempo, fica puxado (Laura).
	Porque acho que deveria diminuir a disciplina que não acho tão necessária, e aumentar as disciplinas de Língua Inglesa e portuguesa (Maria).
	Porque a atenção que poderíamos dar somente a uma disciplina é carregada por outras pela quantidade de trabalhos (eu) por ter facilidade no Inglês sempre deixei como segunda opção para não ser reprovada nas demais e assim deixando de aprender algumas coisas (Simone).
	Pois o estudo de uma língua, seja para aprender a se comunicar ou para ensinar o idioma, requer foco e 100% de disponibilidade (Lilian).
	O tempo é muito pouco para o estudo da Língua Inglesa (Luana).

Fonte: Dados da Pesquisa

Conforme apresentado no Quadro 3, somente um dos doze participantes assinala que a licenciatura dupla não se configura como uma dificuldade no aprendizado satisfatório da Língua Inglesa. No entanto, no argumento apresentado por ele, enfatiza o fato de haver “muitas literaturas sem necessidades” e que isso “tira as disciplinas voltadas para o ensino da L.P”. Ao mesmo tempo que parece não entender a licenciatura como um empecilho, considera que mais tempo deveria ser dedicado às disciplinas de Língua Inglesa.

Por outro lado, onze (11) dos participantes consideram que o fato do curso de Letras ser uma Licenciatura pode se configurar em dificuldade para uma aprendizagem satisfatória. João ressalta que a dedicação deve ser dividida, acarretando no aprender de forma fragmentado, ou seja, um pouco de uma e um pouco de outra. Kamila diz que o foco não é somente em uma disciplina, mas em várias e com o acarretamento acaba sentindo dificuldades na aprendizagem de uma nova língua.

O número excessivo de disciplinas acarreta o número excessivo de exercícios, para os discentes e isso acaba provocando o mau rendimento na Língua Inglesa. É notório o incomodo sentido pelos alunos em relação a essa sobrecarga, precisa-se pensar o espaço universitário não como um “peso” para os discentes, mas como espaço de formação e qualificação efetivos. Tanto para os alunos quanto para os professores,

A universidade **deve ser** vista como ambiente de estudos e pesquisas, preparação para o mundo do trabalho e para uma profissão, aprendizados, formação adequada com professores especializados, espaço de convivência. A universidade é esperada como espaço de preparação e produção de conhecimentos, mas, também, de socialização (FIORIN, 2015, p. 37).

Evidencia-se que a sobrecarga de atividades e das disciplinas acaba dificultando o aprendizado do inglês, nesse caso é preciso pensar se a licenciatura dupla ou essa modalidade de ensino se assim podemos nomear tem colaborado realmente na formação qualificada desses

futuros profissionais. Vale destacar que, se colocarmos em pauta, na verdade tem-se um curso de quatro licenciaturas, em Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura Inglesa.

Em relação à sexta pergunta “*Na sua opinião, o que pode ser feito para melhorar a sua aprendizagem em Língua Inglesa daqui por diante?*” foi subdividido para fins de categorias análise da seguinte forma: a) Aumento de carga-horária; b) Recursos e Estratégias de Ensino; c) Observação da Estrutura do Curso e d) Ensino de Língua Inglesa Satisfatório. Desta forma, tem-se o que segue:

**a) Aumento de carga-horária e disciplinas**

- Como só é duas vezes por semana, poderia passar para três ou uma optativa de Inglês ser ofertada. O projeto CEL é maravilhoso mas deixa a desejar (Simone).
- O tempo de aula de Língua Inglesa deveria ser bem maior, já que é uma das matérias primordiais, e diminuir outras disciplinas (João).
- Poderia aumentar as horas de aprendizagem de Língua Inglesa (Maria).
- Deve se ter mais aulas, para termos conhecimentos do ensino de Língua Inglesa (Kamila).

**b) Recursos e Estratégias de Ensino**

- Ouvir mais áudios, para melhor entender; assistir séries e filmes em inglês (Bia).
- Buscar mais, além do que aprendo em aula, preciso pesquisar mais, estudar mais sozinha (Laura).
- Apenas deixar continuar no meu ritmo de aprendizagem (Karla).
- Obter acompanhamento de um monitor e dispor de um tempo maior de aulas durante a semana (Juliana).
- Estudar sozinha é uma possibilidade, assim aprendo para a satisfação pessoal e no curso sou auxiliada também em como ensina-la gramaticalmente. A instituição pode valorizar também mais a comunicação (Lilian).

**c) Observação da Estrutura do Curso**

- Que seja dividido corretamente as disciplinas, tanto da área de L.P. quanto de L.I., e que seja banido algumas disciplinas de Literatura da área de L.P. (Lucas).
- Separar os cursos (Luana).

**d) Ensino de Língua Inglesa Satisfatório**

- Hoje, daqui em diante está ótimo, pois agora temos uma excelente professora (Marta).

Conforme observa-se, quatro (04) dos doze (12) participantes, externam em seus posicionamentos que a carga-horária de Língua Inglesa poderia ser aumentada e poderia haver oferta de disciplinas adicionais. Outros cinco (05) compreendem que o uso de Recursos e Estratégias de Ensino. No que se refere aos recursos, Bia aponta áudios, séries e filmes. Em

relação às Estratégias de Ensino apontam: Estudar sozinha (Laura e Lílian), ter seu ritmo de aprendizagem respeitado (Karla), ter acompanhamento de monitor (Juliana). Quanto à questão da Estrutura do Curso, Lucas considera que deva haver uma distribuição “correta” das disciplinas de Língua Portuguesa e Inglesa, além de que na sua opinião as Literaturas da área de Língua Portuguesa deveria ser “banidas”. Luana, aponta que a separação dos cursos poderia melhorar a aprendizagem de Língua Inglesa. Quanto estes dois posicionamentos, observa-se que, na verdade, estes participantes compreendem a necessidade de ter uma atenção mais específica para a área de Língua Inglesa, equiparando a carga-horária de disciplinas. Finalmente, observa-se que um dos participantes sente-se satisfeito com o Ensino da Língua Inglesa, atribuindo ao fato de ter uma excelente professora.

Assim, a retirada de disciplinas, uma divisão igualitária, o aumento de tempos de aulas e o número de aulas para umas e diminuição de tempos para outras, o acompanhamento de monitores e até mesmo a separação dos cursos, são os elementos apontados pelos acadêmicos para que se obtenha um melhor desempenho na aprendizagem da Língua Inglesa.

Os alunos percebem a importância do grau de proficiência que se deve ter do Inglês, pois serão licenciados e posteriormente podem atuar como professores. Percebe-se a preocupação em apresentar soluções, no entanto, precisam ser analisadas com cuidado e cautela. Direciona o PPC (2010, p. 10-11) que o curso de Letras deve desenvolver as seguintes competências e habilidades:

1. Domínio do uso da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa, nas suas manifestações oral e escrita, em termos de recepção e produção de textos;
2. Reflexão analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico;
3. Visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias, que fundamentam sua formação profissional;
4. Preparação profissional atualizada, de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho;
5. Percepção de diferentes contextos interculturais;
6. Utilização dos recursos das novas tecnologias de informação e comunicação;
7. Domínio dos conteúdos básicos que são objeto dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio;
8. Domínio dos métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino.

Dessa forma, é preciso pensar se o curso tem atingido tais habilidades e competências, tendo em vista que são diversas questões que os discentes de letras tem levantado em relação ao aprendizado eficiente do inglês. Se essas são as diretrizes norteadoras que o corpo docente prioriza para a formação profissional, deve-se pensar se elas estão sendo colocadas em prática ou não.

Na última questão, “fazendo uma breve análise no seu desempenho como estudante do Curso de Letras, você considera que ao término do curso de graduação: atuaria somente como professor de Língua Inglesa, atuaria somente como professor de Língua Portuguesa, atuaria como professor de ambas as Línguas. Porquê?”, suas respostas foram:

**Atuaria como professor de ambas as Línguas;**

- Atuaria como professor de ambas as línguas. Porque o tempo passado na instituição deve ser valorizado, ou seja, a formação que é passada no curso é justamente para saber atuar nas duas áreas (Lucas).
- Atuaria em ambas as áreas (Karla).
- Atuaria como professor em ambas as Línguas, porque embora haja dificuldades na aprendizagem de línguas dupla, tento ao máximo busca conhecimentos principalmente quando não entendo muito bem. Creio que ao término do curso eu esteja sim, preparada para atuar em ambas as disciplinas (Laura).
- Atuaria como professor em ambas as Línguas, eu gosto das duas áreas, até mesmo as duas licenciaturas possibilitam trabalhar as duas (Luana).
- Depende do meu domínio em ambas as línguas. Se tiver mais domínio em uma atuaria sobre ela. Caso tenha domínio e segurança nas duas atuaria sobre as duas (Lilian).

**Atuaria somente como professor de Língua Portuguesa;**

- Atuaria somente como professor de Língua Portuguesa. Porque tenho mais domínio da Língua Portuguesa, enquanto a Língua Inglesa eu sinto mais dificuldades em ministrar (João).
- Atuaria somente como professor de Língua Portuguesa. Porque me identifico mais com a Língua Portuguesa (Kamila).
- Atuaria somente como professor de Língua Portuguesa (Maria).
- Atuaria somente como professor de Língua Portuguesa. Porque tenho um melhor desempenho na Língua Portuguesa (Juliana).
- Atuaria somente como professor de Língua Portuguesa. Porque me identifico mais com a Língua Portuguesa (Marta).
- Atuaria somente como professor de Língua Portuguesa, me identifico mais com a Língua Portuguesa (Bia).

**Atuaria somente como professor de Literatura;**

- Outros: Literatura, durante o curso desenvolvi um amor por Literatura, nossa professora é ótima, se não for de Língua Inglesa, quero fazer meu mestrado em Literatura (Simone).

Lucas, Karla, Laura, Luana e Lílian ressaltam que atuariam em ambas as Línguas como professores, pois acreditam que o tempo de formação na academia deve ser valorizado e colocado em prática. Lilian comenta que ainda está em dúvida, que vai depender do seu domínio nas línguas, se tiver domínio e segurança atuaria em uma ou ambas as disciplinas.

Já João, Kamila, Maria, Juliana, Marta e Bia atuariam somente na área de Língua Portuguesa, pois tem mais domínio e conseguem ter melhor desempenho. A participante Simone mencionou que atuaria em Literatura, pois tem amor pela disciplina.

É necessário pensar se a licenciatura dupla tem realmente atingido seus objetivos no processo de formação do professor, e se as práticas de ensino estão possibilitando o perfil do profissional a ser formado, pois segundo o PPC (2010, p. 10):

O profissional em Letras deve ter domínio do uso das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades linguísticas e culturais. Deve ser capaz de refletir teoricamente sobre a linguagem, de fazer uso das novas tecnologias disponíveis e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente. A pesquisa e a extensão, além do ensino, devem articular-se neste processo. O profissional deve, ainda, desenvolver a habilidade de refletir criticamente sobre temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários.

As práticas de ensino da Universidade devem contribuir significativamente na formação e qualificação do profissional, nesse caso o de Letras, e também refletir os passos que já tem dado e o que precisa ser modificado para que o discente, futuro professor, não possa, ao chegar no contexto escolar, seja mera reprodução de ensino que lhe foi “passado”, mas sim autônomo e socializador do meio, assim como é a Língua Inglesa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pesquisas teóricas colaboram para realizar uma reflexão acerca da história da Língua Inglesa no Brasil, sobre os documentos que permeavam e permeiam sua prática de ensino, além de perceber como está a realidade do ensino e da aprendizagem dessa língua nas escolas públicas brasileiras.

O principal objetivo do trabalho foi realmente percebido nas análises conforme as respostas dos acadêmicos de Letras do IEAA, participantes da pesquisa, que a partir das perguntas que foram lançadas, comentaram sobre os mais diversos aspectos que interferem no aprendizado da Língua Inglesa, e o que pode ser melhorado diante desta pesquisa na visão do aluno. Colocando em foco as dificuldades encontradas, a fim de sanar as demais necessidades do discente.

Do que foi exposto, os problemas constatados versavam sobre alguns aspectos da metodologia utilizada pelos professores e sobre desenvolvimento das habilidades

comunicativas, sobretudo o *Listening*. Além disso, foi apontado pelos discentes, quando perguntados sobre a questão da Licenciatura Dupla configurar-se como dificuldade, que tal situação gerava um acúmulo de atividades para cumprimento das disciplinas do curso. De acordo com os relatos dos demais, este acúmulo de disciplinas têm sobrecarregado e dificultando o aprendizado de Língua Inglesa, visto que o desempenho que poderiam ter em Língua Inglesa e dividida com as demais disciplina, Português, Práticas, Literaturas, dentre outras, algumas dessas disciplinas são consideradas para os participantes desnecessárias. Outrossim, apontam que a carga-horária, a exemplo do que é relatado em muitas pesquisas sobre as escolas de Educação Básica, é insuficiente e poderia ser aumentada.

Fica evidente que é necessário que o corpo docente do Curso de Letras reflita sobre a estrutura do curso e se de fato a divisão da licenciatura nas suas áreas de linguagem específicas possa ser mais eficiente e eficaz, para que não se acarrete problemas maiores, como a formação fragmentada dos futuros profissionais. Embora a formação na licenciatura dupla confira a habilitação para as duas línguas, observa-se que dos participantes cinco (05) confirmaram atuar em ambas as línguas, mas nenhum deles afirmou em atuar como professor de Língua Inglesa somente.

Se o Projeto Pedagógico do Curso prevê a formação e qualificação com as habilidades de competências já destacas nessa pesquisa é necessário de imediato pensar numa nova estrutura ou se possível reformulação da grade curricular. Pois, observa-se que as dificuldades evidenciadas pelos participantes desta pesquisa não diferem da realidade de tantos outros lugares do país.

O curso foi criado para atender as demandas das escolas públicas nas áreas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, porém muitos anos já se passaram e muitas turmas já foram formadas, ficando ainda lacunas à serem preenchidas na formação destes profissionais, sendo essa essencial no seu currículo.

Aponta-se, portanto, que é necessário se pensar na possibilidade de desmembramento do curso para que ocorra uma formação mais integral no ensino de Língua Inglesa, visando nesse profissional que irá atuar seja no contexto escolar ou em qualquer espaço de aprendizado, que ele saiba sobressair, demonstrando firmeza sabendo como encarar as dificuldades sentida por ele ou pelo aluno, que ele não seja mais um no âmbito escolar com dificuldades. Espera-se que esta pesquisa, seja subsídio de reflexão para docentes e discentes de Letras a fim de buscar soluções que possam minimizar as problemáticas nela apontadas

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITISH COUNCIL. **O ensino de inglês na educação pública brasileira:** elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE. São Paulo, SP: British Council Brasil, 2015.
- DONNINI, Lívía. PLATERO, Luciana. WEIGEL, Adriana. **Ensino de Língua Inglesa.** - São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- FERREIRA, Leandra Byanna Barbosa Pereira. SANTOS, Leila Borges Dias. Ensino de Língua Estrangeira no ensino fundamental da rede pública a partir do conceito de capital cultural e de herança doméstica de Pierre Bourdieu. **Revista Interação Interdisciplinar v. 01**, nº. 01, p.118-132, Jan - Jul., 2017. UNIFIMES – Centro Universitário de Mineiros.
- FIORIN, Bruna Pereira Alves. Universidade: adaptação e aprendizagem. In: PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira (org.). **Ações de atenção à aprendizagem no ensino superior.** - 1. ed. - Santa Maria: [UFSM], PRE, Ed. pE.com, 2015.
- LEFFA, V. J. (org.). **O professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão.** Pelotas: Educat, 2001.
- MARZARI, Gabriela Quatrin. BADKE, Mariluzza Ribeiro. **Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em escolas públicas de Santa Maria/RS.** Pesquisas em Discurso Pedagógico, PUC, Rio de Janeiro, 2013.
- MORAES, Liani F. **Língua Estrangeira Moderna.** BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros em Ação, Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Média e Tecnológica - MEC; SEMTEC, 2001.
- NICHOLLS, Suzan Mary. **Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino do inglês.** Maceió: EDUFAL, 2001.
- PAES, Maria Bethânia Gomes. JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. Preconceito contra o ensino de Língua Estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- PIMENTA, Ana Cláudia. MOREIRA, Rayane Magalhães. REEDIJK, Carolina da Cunha. O ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas: expectativas e realidade. **Revista Crátulo**, 9(1): 32-50, ago. 2016. Centro Universitário de Patos de Minas.
- PPC. **Proposta Curricular do Curso de Graduação em Letras - Língua e Literatura Portuguesas e Língua e Literatura Inglesas da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.** Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - IEAA, Campus Vale do Rio Madeira. 2010, p.1-118.

QUEVEDO-CAMARGO, Gladys. SILVA, Gutemberg. O inglês na educação básica brasileira: sabemos sobre ontem; e quanto ao amanhã? **Ens. Technol. R.**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 258-271, jul./dez. 2017.

SANTOS, Eliana Santos de Souza e. O ensino da Língua Inglesa no Brasil. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras** n.01, dezembro de 2011